

**SUBSUNÇÃO DO PATRIARCADO NO CAPITAL E A COMUNICAÇÃO
COMO FORMA SOCIAL**

Rafaela Martins de Souza¹
Manoel Dourado Bastos²

RESUMO

Apresentamos considerações sobre o patriarcado subsumido no capital e a comunicação como forma social. O objetivo é articular níveis conceituais num plano alto de abstração. Adotamos a dialética como método de análise e exposição, partindo de textos relevantes e desdobrando-os. Anne McClintock (2003) nos traz relevantes percepções sobre as contradições de classe, raça e gênero. Granou (1972) e Federici (2016) avaliam particularidades dos modos de vida. Por fim, retomamos as perspectivas da comunicação como forma social, apresentada por César Bolaño (2000), para decifrar alguns aspectos das funções publicidade, propaganda e programa em diferentes contextos de subsunção do patriarcado no capital.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação como forma social. Subsunção do patriarcado no capital. Trabalho doméstico. Reprodução social. Força de trabalho.

CORPO DO TEXTO

No presente artigo, apresentamos algumas considerações sobre as contradições próprias ao patriarcado subsumido no capital e suas articulações com a comunicação como forma social. O objetivo é o de articular níveis conceituais num plano alto de abstração. Para isso, adotando a dialética como método de análise e exposição, partimos da leitura de textos relevantes, os quais colocamos em chave de leitura própria à crítica imanente, desenvolvendo, na sequência, o devido desdobramento categorial. Para o texto agora em escopo, apresentamos inicialmente a leitura de Anne McClintock (2003), que nos traz relevantes percepções sobre as contradições de classe, raça e gênero a partir da avaliação de um caso concreto na Inglaterra vitoriana. Em seguida, mobilizamos a concepção de modos de vida de Granou (1972), em correlação com Silvia Federici (2016), para avaliar algumas particularidades do patriarcado nesse plano de análise. Por fim, retomamos as perspectivas apresentadas a partir da noção de comunicação como forma social, apresentada por César Bolaño (2000), conjugado com os textos de Autora e Autor (2019), bem como Autora et al (2022), para decifrar alguns

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra (Portugal). Mestre e graduada em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Correio eletrônico: rafaelamartins1990@hotmail.com.

² Professor Associado do departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Professor do ppgcom-uel. Ex-presidente da União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura – seção Brasil (ulepicc-Brasil) [2020-2022]. Coordena o Laboratório Cubo – economia política da comunicação e crise do capitalismo. Integrante do obscom/cepos. Correio eletrônico: manoel.bastos@gmail.com.



aspectos das funções publicidade, propaganda e programa em diferentes contextos de subsunção do patriarcado no capital.

No nascedouro da sociedade liberal burguesa, Anne McClintock (2003) observou atentamente uma expressão das contradições de classe, raça e gênero próprias ao capitalismo. McClintock (2003) se propôs a compreender o processo de fetichização da sociedade inglesa na era vitoriana a partir de diários que relatam uma relação sadomasoquista entre a serviçal Cullwick e seu patrão (e amante). “Como o S/M é o exercício teatral da contradição social, ele é antinatureza de maneira autoconsciente, não no sentido de que viola o direito natural, mas no sentido em que nega a existência de um direito natural em primeiro lugar” (McClintock, 2003, p. 26).

A partir desse caso insólito, a autora desenvolve uma análise sobre uma sociedade que, graças às modificações capitalistas, passa por um processo de crise do significado social. McClintock (2003) aborda três aspectos de contradição que formaram a base da sociedade vitoriana: “entre trabalho escravo e trabalho assalariado; entre o domínio privado da domesticidade e o domínio público do mercado; e entre a metrópole e o império” (McClintock, 2003, p.34). Uma triangulação pautada em uma diferenciação (e prejuízo) de raça, gênero e classe.

No contexto em análise por McClintock (2003), havia uma intrincada rede formada pelo trabalho doméstico pago da criada e o “trabalho do lazer” da esposa, cuja relação complexa se dava na necessidade de negar e escamotear o caráter econômico do trabalho feminino nas duas pontas. “O trabalho do lazer da esposa e o trabalho da invisibilidade da criada seriam para negar e esconder dentro da formação da classe média o valor econômico do trabalho feminino” (McClintock, 2003, p. 59).

McClintock é enfática ao reconhecer que o apagamento do trabalho doméstico pesava de maneira mais drástica sobre as criadas, em quem o trabalho de lazer da dona-de-casa encontrava uma correspondência contraditória. De qualquer modo, aí estava a chave para reconhecer o movimento que aparta público e privado: “A separação entre o público e o privado foi alcançada apenas pagando às mulheres da classe trabalhadora pelo trabalho doméstico que as esposas poderiam fazer de graça” (McClintock, 2003, p. 59). Essa unidade de contrários, no plano próprio das relações interpessoais como elemento do contexto central da sociedade industrial, é essencial para a compreensão do patriarcado na comunicação como forma social.

As correlações entre os planos da circulação e da produção, os momentos de consumo produtivo e improdutivo do trabalho, as esferas pública e privada, são processos complicados que exigem reflexão acurada. Esses processos desdobram o



aspecto essencial de um momento de igualdade formal entre as partes, própria ao mercado, e outro de exploração do trabalho, na esfera privada da produção. O patriarcado, subsumido no capital, opera cindindo a esfera doméstica em seu caráter de fator extraeconômico dedicado à reprodução da força de trabalho e ao controle social, apagando suas contradições para que, no âmbito público, seja da política, seja mercantil, figure a própria esfera da igualdade formal. Ou seja, é decisivo para a própria configuração do capitalismo.

Um ponto decisivo para a análise aqui proposta está em reconhecer como os planos fundantes do modo de produção capitalista se expressam em diversos âmbitos da vida. Aí se encontra muito das expressões do patriarcado, o que se mostrará decisivo para a compreensão da comunicação como forma social. Podemos dizer que as relações de produção capitalistas impõem um modo de vida específico adequado a elas. Granou (1972) aponta que uma série de princípios e valores são rearticulados em instituições que servem a essa sociedade. Esse “modo de vida” exacerba a esfera da produção e recai sobre a reprodução da vida.

É na esfera da reprodução que importantes teorias feministas focam sua atenção por ser justamente este o universo historicamente relegado ao feminino (Federici, 2016) dentro dessa lógica de “naturalizar” e “normalizar” processos que servem ao sistema capitalista, como o casamento heterossexual e a família patriarcal. O que apontamos neste artigo é que o capitalismo opera em um movimento contraditório no qual, ao mesmo tempo em que pontos de exterioridade ao seu funcionamento são subsumidos e passam a ser parte essencial do sistema (Autora et al, 2022 e Autora e Autor, 2019), essa mesma exterioridade precisa ser preservada como princípio de exploração. Cheguemos à elaboração dessa tese.

O primeiro plano elementar do capital diz respeito à circulação simples de mercadorias, onde possuidores de mercadorias se encontram para estabelecer relações de troca. Nesse plano elementar a relação se dá entre pessoas formalmente livres e iguais – ou seja, esse plano confere, ou dá forma de igualdade ao capitalismo e, portanto, também ao patriarcado historicamente subsumido. Descendo ao terreno oculto da produção, aquela aparência de possuidores formalmente livres e iguais dá lugar ao encontro de dominação e exploração entre capitalista e trabalhador. Nesse ponto, passamos das relações aparentes da economia mercantil e entramos nas relações de capital, onde está a essência. Na medida em que o terreno oculto da produção exige a separação extraeconômica do âmbito doméstico, a fim de dar conta do aspecto reprodutor da força de trabalho, essa dinâmica se fez operativa mediante a subsunção



do patriarcado como força motriz daquela cisão. É aí que se encontra o princípio lógico e histórico do patriarcado sob o capitalismo.

Num nível alto de abstração, observamos a comunicação como forma social primeiramente em seu plano aparente (correspondente à circulação simples de mercadorias) e encontramos a informação direta e objetiva articulada entre iguais, como uma relação intersubjetiva entre dois possuidores. Essa informação se interverte, por sua vez, com característica direta e objetiva, porém hierarquizada, num plano essencial (de acordo com o terreno oculto da produção), onde os indivíduos formalmente livres e iguais deram lugar ao capitalista e o trabalhador. Determinado pelo fundamento próprio à produção de mercadorias (no caso em particular, a força de trabalho), o espaço da reprodução repete a essência do terreno oculto da produção, em que a assimetria entre os sexos se põe e a hierarquização, encruada e violenta, do patriarcado se mostra também na informação. Esse é o plano fundamental da comunicação como forma social própria ao patriarcado capitalista.

A particularização desse âmbito em alto grau de abstração nos leva a planos mais concretos, em que podemos observar as formas funcionais próprias à comunicação. Bolaño (2000) destaca três funções (duas, ainda num plano mais abstrato da forma e uma num plano mais concreto da Indústria Cultural já particularizada): a) as funções publicidade e propaganda, correspondendo às necessidades de capitais individuais, de um lado, e Estado, de outro, se comunicarem com o público; b) a função programa, que viabiliza a atenção dada pelo público, abstraído como audiência, ao ter suas necessidades simbólicas substituídas pela produção das empresas de Comunicação. Nesses planos mais concretos, aquela intrincada rede de relações do patriarcado subsumido no capital assumem diferentes facetas, a depender da conjuntura histórica.

Assim, se as mulheres se tornam mais requisitadas como força de trabalho na esfera da produção propriamente dita, sem com isso se perder a dimensão patriarcal da esfera extraeconômica da reprodução da força de trabalho no plano doméstico, as funções mudam de figura e os resultados simbólicos, políticos e produtivos adquirem novas especificidades. Num contexto, torna-se apropriado, para as especificidades do patriarcado subsumido no capital, a representação da mulher como dona de casa, para quem se oferecem eletrodomésticos e novelas água com açúcar, correspondendo àquele parâmetro tradicional do espaço doméstico como feminino. Contudo, se o contexto muda, também se modifica a correlação, de maneira que a representação da mulher adquire novas características, de cunho moderno, dedicada ao trabalho, sem



perder a perspectiva dos afazeres do lar. O fundamento não se desfaz, mas a igualdade aparente ganha novos contornos.

Assim, a partir da leitura e discussão de relevantes textos dedicados à avaliação do patriarcado, podemos aprofundar a comunicação como forma social em sua especificidade relacionada ao patriarcado subsumido no capital.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Manoel Dourado; SOUZA, Rafaela Martins de; BOLAÑO, César; HERRERA-Jaramillo, Mauricio. Patriarcado, valor e comunicação. Modos de vida, trabalho e as relações de gênero sob o capitalismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 21, n. 39, 2022. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/815>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BASTOS, Manoel Dourado; SOUZA, Rafaela Martins de. Os fundamentos sociais do patriarcado na mídia. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**. Ponta Grossa, vol. 6, n. 2, p. 53-69, (2019). Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14709>. Acesso em: 10 abri. 2023.

BOLAÑO, C. R. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec / Pólis, (2000).

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: Mulheres Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, (2016).

GRANOU, André. **Capitalismo y modo de vida**. Madrid: Alberto Corazón, 1972.

MCCLINTOCK, A. Couro imperial - Raça, travestismo e o culto da domesticidade. Tradução: Plínio Dentzien. Cadernos Pagu. pp.7-85, (2003). Do original: Imperial Leather. Race, Cross-Dressing and the Cult of Domesticity, capítulo 3 do livro **Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest**. New York, London, Routledge, 1995, pp.132-180.